

GOIABA PARA INDÚSTRIA: o custo de produção como referência para o estabelecimento do preço de venda da fruta

Paul Frans Bemelmans¹
Marina Brasil Rocha²

A exemplo do ocorrido no ano passado, os produtores paulistas de goiaba para indústria deverão negociar o preço da caixa de fruta individualmente com as indústrias processadoras na safra 2000/01. Ocorre que a negociação coletiva, intermediada pelo Comitê da Agroindústria da Goiaba da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, não tem encontrado receptividade por parte das indústrias paulistas, na sua maioria de pequeno e médio portes. As grandes empresas do setor, como Arisco, Cica e Peixe, deixaram o Estado de São Paulo atraídas por benefícios (sobretudo incentivos fiscais) oferecidos por estados vizinhos, notadamente o de Goiás, o que arrefeceu o interesse em assegurar a oferta de matéria-prima paulista para as suas unidades. Além disso, a formação de novos pomares no Estado de São Paulo com variedades mais produtivas, como a Paluma, propiciando produção quase que contínua no ano, se, por um lado, satisfaz as necessidades de consumo de pequenas unidades de processamento da fruta, por outro, não desperta grande interesse por parte das grandes unidades, uma vez que, fora do pico da safra, a fruta concorre na esteira de recebimento com outros produtos, como o tomate. Esses fatores, aliados à maior oferta da fruta, provocaram, assim, a mudança nas negociações de preços. As empresas remanescentes no Estado, entretanto, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação (ABIA), têm condições de consumir a oferta estadual, estimada pelo IEA/CATI em cerca de 63 mil toneladas na safra 2000/01, 6,4% maior que a do ano passado. Esse volume refere-se à colheita de 802 mil pés de goiaba em produção no Estado de São Paulo, que tem ainda, segundo o IEA/CATI, 131 mil pés novos (em formação). Se se considerar a

produtividade crescente dos pomares, decorrente da adoção de novos cultivares mais produtivos, do uso de irrigação e da entrada de parte dos pés novos em produção, é possível que o volume a ser obtido na safra atual chegue a 64 mil toneladas, concentradas nos municípios de Taquaritinga (19,5 mil t), Urupês (8,1 mil t) e Monte Alto (5,4 mil t).

Diante desse quadro, a expectativa é de que o preço da caixa da fruta permaneça o mesmo do ano passado, em torno de R\$80,00/t, que, entretanto, não vem sendo considerado suficiente para cobrir os custos operacionais de produção e demais despesas indiretas, inclusive a remuneração do produtor. A fim de contribuir para uma negociação de preços mais justa para o produtor, o IEA estimou os custos operacionais totais de produção da goiaba para indústria, sendo que o da variedade comum atingiu cerca de R\$70,00/t e o da variedade Paluma, R\$69,00/t. Considerando-se apenas os custos variáveis de produção, de R\$59,40/t para a comum e de R\$57,30 para a Paluma, acrescidos de uma margem de 30% de lucratividade, preconizada pelo Estatuto da Terra como forma de assegurar renda para o produtor e utilizada, tradicionalmente, pelo Comitê de Agroindústria nas negociações em anos anteriores, o preço oferecido pela indústria para a compra do produto supera, na verdade, os gastos dos produtores com a atividade. Mas, essas estimativas devem ser consideradas como base para apuração do custo de produção, pois o produtor deverá considerar, de fato, sua produção individual por hectare, pois pomares mais produtivos deverão ter seus custos reduzidos *vis-à-vis* as planilhas de custos por hectare, elaboradas pelo IEA (Tabelas 1 e 2).

¹Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

²Engenheira Agrônoma, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1- Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Goiaba para a Indústria, Variedade Paluma, por Hectare, 238 pés, Espaçamento de 7,0x6,0m, Produção de 2.242cx. (50.445kg), EDR de Taquaritinga, Estado de São Paulo, Safra 2000/01
(em R\$ de janeiro de 2001)

Item	R\$
Mão-de-obra (comum e tratorista)	666,84
Empreita	1.345,20
Operações de máquinas	485,53
Calcário	29,00
Adubo	144,86
Defensivos	217,42
Custo operacional efetivo	2.888,85
Depreciação das máquinas utilizadas	149,59
Depreciação do pomar ¹	184,14
Juros sobre o capital de custeio ²	125,12
Encargos sociais diretos ³	128,53
Custo operacional total por hectare	3.476,23
Custo operacional total por kg	0,069
Renda bruta total (RBT) ⁴	4.035,60

¹Considerou-se período de 15 anos.

²Considerou-se taxa de juros de 8,75% a.a. sobre 50% do COE durante o ciclo de produção.

³Refere-se à mão-de-obra do tratorista (27,16% x MO + 2,7% da RB).

⁴Considerando-se o preço de R\$80,00/t.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 2 - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Goiaba para a Indústria, Variedade Comum, 1 Hectare, 208 pés, Espaçamento 8,0x 6,0m, Produção de 1.976cx. (44.460kg), EDR de Taquaritinga, Estado de São Paulo, Safra 2000/01
(em R\$ de janeiro de 2001)

Item	R\$
Mão-de-obra (comum e tratorista)	414,76
Operações de máquinas	522,61
Empreita	1.185,60
Calcário	27,52
Adubos	150,51
Defensivos	338,68
Custo operacional efetivo	2.639,68
Depreciação das máquinas utilizadas	149,77
Depreciação do pomar ¹	91,78
Juros sobre o capital de custeio ²	115,49
Encargos sociais diretos ³	117,36
Custo operacional total por hectare	3.114,08
Custo operacional total por kg	0,07
Renda bruta total (RBT) ⁴	3.556,80

¹Considerou-se período de 15 anos.

²Considerou-se taxa de juros de 8,75% a.a. sobre 50% do COE durante o ciclo de produção.

³Refere-se à mão-de-obra do tratorista (27,16% x MO + 2,7% da RB).

⁴Considerando-se o preço de R\$80,00/t.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.